

‘Para além da ergatividade morfológica: marcação de concordância absoluta em algumas construções sintáticas em Karitiana’

*Luciana R. Storto
Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo*

Resumo

A língua Karitiana marca concordância com o argumento absoluto nos seus paradigmas verbais (Storto 1999). Storto observa, ainda, que a cópula *mon* é utilizada na língua sempre que um argumento absoluto é extraído em uma pergunta QU-. Nestes ambientes sintáticos, que Storto descreve como sentenças clivadas, encontra-se, também, um sufixo verbal *-t/zero* (cujos alomorfes são *-t* para raízes terminadas em vogais e *zero* para raízes terminadas em consoantes). Apesar da ocorrência do sufixo em questão ser opcional no aspecto imperfectivo, há um contraste com as sentenças QU- de argumento ergativo, que não são clivadas, nem apresentam a cópula *mon* ou o sufixo *-t/zero* (Storto 1999). O Mesmo sufixo observado nas sentenças QU- de argumentos absolutivos também ocorre obrigatoriamente sufixado ao predicado lexical (nome, adjetivo ou verbo intransitivo) em construções de cópula. Este artigo tem como objetivo sugerir uma análise que possa dar conta dos fatos acima mencionados de uma maneira unificada. Se considerarmos que o sufixo *-t/zero* é uma marca de *concordância absoluta* que aparece em construções de cópula, explicamos: 1) por que este morfema ocorre opcionalmente em algumas construções com QU- absoluto: nestas construções, a cópula *mon* já concorda com o argumento absoluto, o que causa a opcionalidade da concordância copular; 2) por que as construções de cópula necessariamente marcam o núcleo do seu predicado (seja ele nominal, adjetival ou verbal) com o sufixo de concordância absoluta *-t/zero*: construções de cópula atribuem caso absoluto a seus sujeitos antes de movê-los para a posição pré-copular de foco.

1. Introdução

Neste artigo, procedemos da seguinte maneira: oferecemos evidências de ergatividade morfológica marcada como concordância verbal absoluta em sentenças declarativas, assertivas e imperativas (parte 2), mostrando que em construções de foco do objeto

padrões excepcionais de concordância com o sujeito transitivo aparecem (parte 3). Na parte 4 mostramos sentenças QU- de argumentos absolutivos e ergativos, notando a diferença estrutural entre elas. Analisamos sentenças copulares e sentenças clivadas em Karitiana na parte 5, mostrando que há um paralelo estrutural entre clivagem e cópula, e discutindo predicação, valência, marcação de concordância e tempo nestas sentenças. Argumentamos na parte 6, a favor da análise de sentenças QU- absolutivas como sentenças obrigatoriamente clivadas, o que as distingue de outras sentenças QU-. Na parte 7 sugerimos que o sufixo *-t/zero* que ocorre tanto no predicado das sentenças QU- absolutivas quanto nas sentenças de cópula é uma marca de concordância absolutiva.

2. Ergatividade morfológica e concordância absolutiva

Landin (1984) descreveu o Karitiana como uma língua ergativa baseando-se no fato de que as marcas de pessoa (pronomes) prefixadas ao verbo correspondem ao argumento absolutivo. Storto (1999) argumentou que estas marcas de pessoa não são pronomes, mas concordância com o argumento absolutivo (sujeito intransitivo ou objeto). A argumentação baseia-se em dois fatos: (1) há co-ocorrência entre as marcas de pessoa em questão e pronomes livres; (2) há distribuição complementar entre a ordem dos constituintes nas sentenças principais (SVO, OVS, VOS, VSO) e subordinadas (SOV ou OSV), sendo que as sentenças principais apresentam morfologia de pessoa e tempo no verbo, e as subordinadas têm o verbo nú. A explicação oferecida para estes fatos é que apenas nas sentenças principais há um movimento obrigatório do verbo para posições funcionais na periferia esquerda da sentença nas quais tempo e concordância são checados.

2.1. Verbos flexionados no modo declarativo

No modo declarativo temos concordância com o objeto nos verbos transitivos e com o sujeito nos verbos intransitivos. O rótulo *declarativo*, proposto por Storto (1999) não descreve a função exata deste modo, já que o modo assertivo também é usado para declarações. No entanto, qualquer outro rótulo, como *indicativo* ou *realis*, sofrerá da

mesma deficiência. O importante é saber que o modo declarativo é o modo default na língua Karitiana, sendo o assertivo usado com uma semântica adicional de polaridade afirmativa - por exemplo, como resposta afirmativa a perguntas polares (Storto 1999, 2002). Uma outra diferença entre eles é que as sentenças assertivas sempre iniciam-se pelo verbo, enquanto as declarativas podem ser verbo-iniciais (VSO ou VOS) ou ter o verbo na segunda posição com relação aos outros argumentos (OVS ou SVO)¹.

Nos paradigmas abaixo, os morfemas de primeira pessoa (*y-*, *yta-*, *yj-*) e de segunda pessoa (*a-*, *aj-*) antecedem o alomorfe de modo declarativo *ta(ka)-*. O morfema de terceira pessoa é *zero-*, e coocorre com o alomorfe de modo declarativo *na(ka)-*. O padrão é o mesmo no tempo futuro (*-j/-i*) ou não-futuro (*-t/zero*):

Yn naahoj òwã	‘Eu ri da criança’
An naahoj òwã	‘Você riu da criança’
I naahoj òwã	‘Ele riu da criança’
Yta naahoj òwã	‘Nós, mas não voce, rimos da criança’
Yjxa naahoj òwã	‘Nós todos rimos da criança’
Ajxa naahoj òwã	‘Vocês riram da criança’
I naahoj òwã	‘Eles riram da criança’

Yn naahoji òwã	‘Eu vou rir da criança’
An naahoji òwã	‘Você vai rir da criança’
I naahoji òwã	‘Ele vai rir da criança’
Yta naahoji òwã	‘Nós, mas não voce, vai rir da criança’
Yjxa naahoji òwã	‘Nós todos vamos rir da criança’
Ajxa naahoji òwã	‘Vocês vão rir da criança’
I naahoji òwã	‘Eles vão rir da criança’

Yn ytaahoj/i yn	‘Eu ri/vou rir de mim’
Yn ataahoj/i an	‘Eu ri/vou rir de você’
Yn naahoj/i i	‘Eu ri/vou rir dele’
Yn ytaahoj/i yta	‘Eu ri/vou rir de nós (não de você)’
Yn yjtaahoj/i yjxa	‘Eu ri/vou rir de todos nós’
Yn ajtaahoj/i ajxa	‘Eu ri/ vou rir de vocês’
Yn naahoj/i i	‘Eu ri/vou rir deles’

¹ Caleb Everett (2006) analisa os morfemas declarativos e assertivos como marcas de voz em Karitiana. Ele glosa os primeiros como “speech act participant” e os últimos como “verb focus”. Esta análise não me parece correta por várias razões: (1) os morfemas em questão co-ocorrem com outros morfemas de voz (Storto 1999), como a passiva e o morfema de foco do objeto (descrito como voz inversa em Storto 2005), o que levanta a seguinte questão: uma sentença pode ter mais que uma voz?; (2) ambos os morfemas podem ser utilizados pelo participante do ato da fala, e co-ocorrem com evidenciais diretos e indiretos, o que coloca em questão a análise de apenas um deles como marcador do participante no ato de fala; (3) não está claro em que medida as sentenças assertivas seriam sentenças especiais de foco do verbo, se sentenças declarativas também podem ser verbo-iniciais.

Nos exemplos acima, o verbo transitivo *ahoj* ‘rir de alguém’ está flexionado para concordar com o seu objeto. Já o verbo intransitivo *ahy* ‘beber’, flexiona-se para concordar com o seu sujeito:

Ytaahyt/j yn	‘Eu bebo/vou beber’
Ataahyt/j an	‘Você bebe/vai beber’
Naahyt/j i	‘Ele bebe/vai beber’
Ytaahyt/j yta	‘Nós, não você, bebemos/vamos beber’
Yjtaahyt/j yjxa	‘Nós todos bebemos/vamos beber’
Ajtaahyt/j ajxa	‘Vocês bebem/vão beber’
Naahyt i	‘Eles bebem/vão beber’

A marca de primeira pessoa exclusiva *yta-* sempre que precede o prefixo declarativo *ta(ka)-* funde-se com ele, gerando *yta(ka)-* ao invés do esperado *ytata(ka)-*. A sílaba *ka-* ocorre como morfema aumentativo (*augment*) do morfema declarativo apenas quando as raízes verbais são acentuadas na primeira sílaba, o que é o caso nos exemplos abaixo, onde temos o paradigma do verbo intransitivo ‘ir’. Este verbo apresenta supleção de raiz: uma raiz é usada para sujeitos no singular (*tat*) e outra para sujeitos no plural (*hot*):

Ytakatat yn	‘Eu fui’
Atakatat an	‘Você foi’
Nakatat i	‘Ele foi’
Yjtakahot yjxa	‘Nós fomos’
Ajtakahot ajxa	‘Vocês foram’
Nakahot i	‘Eles foram’

Com um verbo supletivo transitivo como ‘matar’, a concordância se dá com o objeto, e a raiz supletiva muda de acordo com o número do objeto:

Yn naokyt pikom	‘Eu matei um macaco’
Yn napopit pikom	‘Eu matei macacos’

Verbos bitransitivos como *hit* ‘dar’ concordam com seus objetos diretos (com papel temático alvo, já que o tema de um verbo bitransitivo é objeto oblíquo em Karitiana):

Yn ajtakahit ajxa boetety ‘Eu dei um colar para vocês’

2.2. Verbos flexionados no modo assertivo

No modo assertivo temos exatamente o mesmo padrão absolutivo de concordância e os mesmos morfemas de pessoa que no modo declarativo. O que muda, apenas, é a marca de tempo não-futuro, que no modo assertivo é *-(V)n*.

Ypyrahyd n yn	‘Eu bebi’
Apyrahyd n an	‘Você bebeu’
Pyrahyd n I	‘Ele bebeu’
Ytapyrahyd n yta	‘Nós, não você, bebemos’
Yjpyrahyd n yjxa	‘Nós todos bebemos’
Ajpyrahyd n ajxa	‘Vocês beberam’
Pyrahyd n I	‘Eles beberam’
Ypyrahojon ðwã	‘A criança riu de mim’
Apyrahojon ðwã	‘A criança riu de você’
Pyrahojon ðwã	‘A criança riu dele’
Ytapyrahojon ðwã	‘A criança riu de nós, não de você’
Yjpyrahojon ðwã	‘A criança riu de nós todos’
Ajpyrahojon ðwã	‘A criança riu de vocês’
Pyrahojon ðwã	‘A criança riu deles’

O morfema de modo assertivo tem três alomorfes, fonologicamente condicionados: *pyry-* precede raízes acentuadas na primeira sílaba, e os outros dois precedem raízes em que o acento não é inicial: *pyr-* prefixa-se a raízes iniciadas por vogal, e *py-* prefixa-se a raízes iniciadas por consoantes.

2.3. Verbos flexionados no modo imperativo

No imperativo, a concordância de terceira pessoa não é *zero-* como nos modos declarativo e assertivo, mas *i-*. Este morfema de terceira pessoa aparece quando um verbo transitivo está flexionado no imperativo, enquanto verbos intransitivos são sempre marcados por concordância de segunda pessoa:

Apyt’y	‘coma (intr.)’
Atara	‘vá (intr.)’
Impoka	‘seca (tr.)’
Iora	‘pega (tr.)’

Com verbos bitransitivos como *hit* ‘dar’, o objeto direto (que em Karitiana é o alvo e não o tema) concorda com o verbo no imperativo:

yhira ‘me dá’

3. Concordância excepcional em construções de foco do objeto

O padrão usual de concordância em Karitiana muda nas construções de foco do objeto. Tanto no modo declarativo como no modo não-declarativo a concordância é diferente do que se espera (Storto 1999).

3.1. Foco do objeto no modo não-declarativo

Construções de foco do objeto no modo não-declarativo sempre concordam com o sujeito transitivo. Note que no modo não-declarativo a concordância com a terceira pessoa é *i-*, como nos imperativos:

Sepa	y-ti-m-'a	ty-ǰã-t	'A basket, I am weaving'
<i>basket</i>	<i>1ps-OFC-caus.-do</i>	<i>imperfv.e.sitting-ñfut</i>	
'Ep	aj-ti-pasagngã-t	ajxa	'Trees, you-pl are counting'
<i>trees</i>	<i>2pl-OFC-count-ñfut</i>	<i>2pl</i>	
'Ep	i-ti-pasagngã-t	João	'Trees, João is counting'
<i>trees</i>	<i>3-OFC-count-ñfut</i>	<i>João</i>	
'Ep	i-ti-pasagngã-t	i	'Trees, he is counting'
<i>trees</i>	<i>3-OFC-count-ñfut</i>	<i>3</i>	

(Storto 1999)

3.2. Foco do objeto no modo declarativo

Construções de foco do objeto de terceira pessoa usadas no modo declarativo (DOFC), cujos sujeitos são também de terceira pessoa, apresentam concordância *zero-* que precede a marca invariável da construção de foco *a-*, prefixada pelo alomorfe *ta(ka)-*. Elas ocorrem, por exemplo, como respostas a perguntas QU- de objeto:

Oho	a-taka-m-‘a-t	Ora	‘Potatoes, Ora created’
Potatoes	DOFC-decl-caus-do-nfut	Ora	
Ambi-ty	a-ta-so’oot-Ø		‘The house, they saw’
House-obl	DOFC-decl-see (intr)-nfut		
(Gokoty)	taso	a-taka-hit-Ø	‘To the man, they gave (manioc)’ (DOFC)
manioc-obl	man	DOFC-decl-give-nfut	
Taso atakahit (gokoty)			‘To the man, they gave (manioc)’ (DOFC)
Ta’it	a-ta-oky-t	taso	‘The man _i killed his _i son’
anaph-son	DOFC-decl-kill-nfut	man	
*Yn	a-ta-oky-t		‘Me, they killed’
1s	DOFC-decl-kill-nfut		
*An	a-ta-oky-t		‘You, they killed’
2s	DOFC-decl-kill-nfut		

(Storto 1999)

4. Movimento QU- de sintagmas absolutivos

Storto (1999) afirma que, no tempo não-futuro, a cópula **mon** é obrigatória sempre que um argumento absolutivo (que a autora chama de nominativo por razões teóricas) é extraído via movimento QU-:

Object extraction

- | | | | | |
|----|----------|------|---------------|-------------------------|
| 1. | Mora-mon | taso | ti-pisogng? | ‘Who did the man stab?’ |
| | Wh-cop | man | OFC-part-stab | |
| 2. | Mora-mon | i | ti-pisogng? | ‘Who did he stab?’ |
| | Wh-cop | 3 | OFC-part-stab | |

Intransitive subject extraction

- | | | | |
|----|----------|----------|--------------|
| 3. | Mora-mon | i-hyryp? | ‘Who cried?’ |
| | Wh-cop | part-cry | |

Transitive subject extraction

- | | | | | |
|----|------|-----------|-------------------|----------------------------|
| 4. | Morã | i-sokõĩ | eremby? | ‘Who tied up the hammock?’ |
| | Wh | 3-tie.up | hammock | |
| 5. | Morã | y-sokõĩ? | ‘Who tied me up?’ | |
| | Wh | 1s-tie.up | | |

Oblique object extraction

- | | | | |
|----|---------|-----------|-------------------------|
| 6. | Morã-ty | aj-andyj? | ‘Who did you laugh at?’ |
| | Wh-obl | 2p-smile | |

(Storto 1999)

Julgando apenas pelos dados acima, o morfema *mon* poderia ser tomado como um tipo de concordância absolutiva em sentenças QU- não-futuras. Se *mon* fosse apenas concordância, o morfema seria uma instância a mais de ergatividade morfológica. No entanto, temos evidência de que *mon* é uma cópula utilizada em outras interrogativas na língua independentemente de movimento QU-. Além disso, sabemos que apenas as sentenças QU- absolutivas são obrigatoriamente clivadas em Karitiana (Storto 1999: 158-159 e 194-204), o que sugere *uma relação direta entre movimento QU- via clivagem e checagem de caso absolutivo*. Analisamos este fato como possível evidência de ergatividade sintática na língua, apesar de não entendermos ainda a motivação para o fenômeno, o que será brevemente discutido na parte 7 deste artigo.

5. O que há de comum entra cópula e clivagem

5.1. Sentenças copulares

Entendemos por sentenças copulares em Karitiana construções em que a cópula *aka* seleciona um complemento oracional na forma de uma mini-oração que tem como núcleo um nome (como em 1-3), um adjetivo nominalizado (como em 4) ou um verbo intransitivo nominalizado (como em 5-7).

- | | | | | |
|----|--------------------|----------------------|------------------------------|------------------------------------|
| 1. | Byty | na-aka-t | [kinda 'o]-t | <i>'Papaya is a fruit'</i> |
| | <i>Papaya</i> | <i>decl-cop-nfut</i> | <i>[thing fruit]-abs.agr</i> | |
| 2. | Kinda 'o | na-aka-t | [asyryty]-t | <i>'Banana is a fruit'</i> |
| | <i>Thing fruit</i> | <i>decl-cop-nfut</i> | <i>banana-abs.agr</i> | |
| 3. | 'Ep | na-aka-t | [jepỹry]-t | <i>'A club is a piece of wood'</i> |
| | <i>wood</i> | <i>decl-cop-nfut</i> | <i>club-abs.agr</i> | |

(adaptado de Storto 1999)

- | | | |
|----|----------------------------|---------------------------------------|
| 4. | Taso naakat ise'at | <i>'O homem é bonito'</i> |
| 5. | Taso naakat ikat | <i>'O homem está dormindo/dormiu'</i> |
| 6. | *Taso naakat i'yt (tati'y) | <i>'O homem comeu (sua comida)'</i> |
| 7. | Taso naakat ipyt'yt | <i>'O homem comeu'</i> |

Em (4) e (5) a nominalização de adjetivos e verbos é feita através da prefixação do morfema *i-*, que Storto (1999) glosa como participípio.

A mini-oração selecionada pela cópula vem sempre acompanhada do sufixo *-t/zero*, que Storto (1999) glosa como tempo não-futuro. No entanto, apesar deste morfema ter a mesma forma do tempo não futuro, não é possível mantermos a análise de Storto, uma vez que a cópula pode ocorrer no tempo futuro, como em (8b). Na parte 7, traçaremos um paralelo entre este sufixo e o sufixo que ocorre opcionalmente em construções QU-absolutivas, e reanalisaremos o morfema em questão como *concordância absoluta*:

8. Construções de cópula nos tempos não-futuro e futuro:

- A. Yn/an naakat iahyt (kytopoty) ‘Eu/você bebi/bebeu (chicha)’
B. Yn/an naakaj iahyt (kytopoty) ‘Eu/você vou/vai beber (chicha)’

Caso seja necessário adicionar um objeto a uma sentença de cópula, este aparecerá após o predicado, como um argumento oblíquo (como em (8) ou nos exemplos abaixo):

- Taso naakat iesymat ‘O homem espirrou’
Taso naakat iesymat gety ‘O homem espirrou sangue’

É importante mencionar que a cópula pode ser omitida em todas as sentenças copulares declarativas no tempo não-futuro em Karitiana, ou seja, aquelas sentenças em que a cópula aparece flexionada como *naakat*. Sempre que isso acontece, os falantes admitem que a cópula pode ser omitida ou não, sugerindo que não há diferença de significado ou uso entre pronunciar ou não pronunciar a cópula².

Sintaticamente, a sentença copular tem uma estrutura que inclui o sintagma nominal pré-copular, a cópula e a mini-oração selecionada pela cópula. O núcleo que

² Caleb Everett (2006) descreveu duas construções diferentes, uma em que a cópula está presente, e uma em que ela está ausente, glosando-as como “copular construction” (construção de cópula) e “valence construction” (construção de valência). Acredito que o autor não tenha testado se a presença da cópula é possível nas sentenças em que ela não foi pronunciada, o que gerou um erro na sua análise. Ou seja, não há construção de valência alguma em Karitiana, apenas construções de cópula em que a cópula não foi pronunciada.

predica é o núcleo do complemento da cópula, já que a cópula por si só não tem valor predicativo. Assim, o sintagma nominal pré-copular nas sentenças de cópula é sujeito da mini-orção nominalizada (SX abaixo), por ser semanticamente um argumento do nome, adjetivo ou verbo (representado por X na estrutura abaixo). Assumimos que este sujeito da mini-orção torna-se o elemento focalizado da construção de cópula via movimento para a posição pré-verbal³.

[Taso_i [naakat [_{SX} t_i X]]

Sentenças copulares são entendidas, desta maneira, como sentenças de alçamento, onde o sujeito da mini-orção se move para uma posição A-barra (a posição pré-copular), presumivelmente, para receber foco.

5.2. Sentenças clivadas

Sentenças clivadas são sentenças formadas pelo movimento (do mesmo tipo observado em sentenças QU- ou de foco) de um argumento para a posição imediatamente anterior à cópula. A cópula das clivadas, assim como a cópula nas construções copulares, seleciona como complemento a frase de onde o argumento se move. Em sentenças clivadas, no entanto, ao contrário das sentenças copulares, a frase que é complemento da cópula não é uma mini-orção, mas uma sentença plena. Assim, não há restrições de intransitividade sobre o verbo do complemento da cópula em sentenças clivadas. Em (9a) temos um verbo bitransitivo como núcleo da sentença complemento da cópula. Neste caso, o argumento movido para a posição anterior à cópula é objeto direto da sentença complemento, o que pode ser comprovado pela presença do morfema *ti-*, que aparece em um verbo sempre que seu objeto é extraído via movimento (OFC ou CFO):

9. A: João na-aka-t yn ti-i-hit-Ø taĵ-ty
 João decl-cop-nfut Is OFC.part-give-nom.agr knife-obl

It is to João that I gave the knife'

(adaptado de Storto 1999)

³ Storto (1999) descreve a posição pre-verbal (Spec,CP) em sentenças declarativas OVS ou SVO como uma posição de foco, baseando-se nos seguintes fatos: (1) esta é a posição obrigatória de sintagmas focalizados (sejam eles argumentos ou adjuntos) em respostas a perguntas QU-; (2) esta é a posição para onde se move o sintagma QU- nas sentenças interrogativas.

A. Erery na-aka-t keerep ʃonso ti-i-amangã-t
 algodão decl-cop-nfut antigamente mulher CFO-part-plantar-conc.abs

‘O algodão era o cultivar das mulheres antigamente’.

Storto (1999) argumenta a favor da hipótese de que nas sentenças clivadas o morfema *i-* de particípio também aparece nominalizando o verbo. Em (9a) e (9b), o morfema em questão não está facilmente identificável por fundir-se fonologicamente com o prefixo de foco de objeto, mas ele pode ser visto em (10) na clivada QU:

10. Morã i-aka-j i-pon? ‘Who is it that will fire?’
 Wh 3-cop-fut. part-fire/shoot

(Storto 1999)

Em sentenças clivadas, o núcleo do predicado é normalmente prefixado por *i-* mas a marca de particípio não ocorre caso um outro nominalizador ocorra, como em (8):

11. Tapa na-aka-t [byrytik sokõʔi-pa]-t
 Vine decl.-copula-nfut torch to.tie.up-nom-abs.agr

‘Vines are the binders of torches’

(adaptado de Storto 1999)

6. Movimento QU- de sintagmas absolutivos e clivagem obrigatória

Storto (1999) nota que as sentenças QU- absolutivas (sentenças em que o absolutivo é extraído via movimento QU-) são necessariamente clivadas em Karitiana (Storto 1999: 158-159;194-204), o que não acontece com as sentenças QU- ergativas ou oblíquas.

Os exemplos 12-15 são casos de movimento QU- de um objeto no tempo não-futuro, e são comparáveis com 16-19, em que sujeitos intransitivos são movidos. Em todos estes exemplos temos a cópula *mon*, cliticizada à palavra QU- *morã*, e o verbo na sentença complemento da cópula tem um prefixo *i-* de particípio, e um sufixo *-t/zero*, que Storto 1999 descreve como não-futuro, mas que glosaremos aqui como concordância absolutiva:

Absolutive wh-movement:

12. Mora-mon an ti-i-opĩ-t? 'What is it that you cut?'
wh-cop 2s OFC- part-cut-nom.agr
13. Mora-mon an ti-i-hit-Ø taĩ-ty?
Wh-cop 2s OFC-part-give-nom.agr knife-obl
'To whom is it that you gave the knife?'
14. Mora-mon taso ti-pisogng? 'Who is it that the man stabbed?'
Wh-cop man OFC-part-stab
15. Mora-mon i ti-pisogng? 'Who is it that he stabbed?'
Wh-cop 3 OFC-part-stab
16. Mora-mon i-hyryp? 'Who is it that cried?'
Wh-cop part-cry
17. Mora-mon i-hyryp ty-ka(-t)? 'Who is it that is crying?'
Wh-cop part-cry imperfve-motion(-nom.agr)
18. Mora-mon i-pyt-‘y-t? 'Who is it that ate (intr.)?'
Wh-cop part-eat(intr.)-nom.agr
19. Mora-mon i-oty-t? 'Who is it that bathed?'
Wh-cop part-bathe-nom.agr

(adaptado de Storto 1999)

Nas sentenças QU- absolutivas de futuro, a cópula **aka** não de cliticiza à palavra QU **morã**, mas aparece independente dela, sendo prefixada por um prefixo de terceira pessoa **i-** de concordância absoluta e sufixada pelo morfema **-j/-i** de tempo futuro. Da mesma maneira que as sentenças QU- no tempo não-futuro, o verbo da sentença complemento da cópula no futuro é prefixado pelo morfema **i-** de participio. Porém, o sufixo **-t/zero** não aparece em clivadas QU- se a cópula tiver flexão de futuro:

20. Morã i-aka-j i-oty? 'Who is it that will bathe?'
Wh 3-cop-fut. part-bathe
21. Morã i-aka-j an ti-pisok 'Who is it that you will stab?'
wh 3-cop-fut 2s OFC. part-stab
22. Morã i-aka-j taso ti-pisok 'Who is it that the man will stab?'
Wh 3-cop-fut man OFC. part-stab

(adaptado de Storto 1999)

Quando outros tipos de argumentos (além de objetos e sujeitos intransitivos) são extraídos via movimento QU-, não temos sentenças clivadas necessariamente. Em 23-27 não há cópula e o verbo é prefixado por morfemas de concordância absoluta que refletem os traços de pessoa do objeto da sentença:

Ergative wh-movement:

- | | | | | | |
|-----|-----------|----------------------|------------------------|----------------------|------------------------------------|
| 23. | Morã | i-sokōĩ | eremby? | | ‘Who tied up the hammock?’ |
| | <i>Wh</i> | <i>3-tie.up</i> | <i>hammock</i> | | |
| 24. | Morã | i-pa | ty-ja? | | ‘Who is weaving (it)?’ |
| | <i>wh</i> | <i>3-weave</i> | <i>imperfv-sitting</i> | | |
| 25. | Morã | i-oky | ty-ja | y-opok ako? | <i>Who is killing my chickens?</i> |
| | <i>wh</i> | <i>3-kill</i> | <i>imperfv-sitting</i> | <i>1s-chicken(s)</i> | |
| 26. | Morã | i-kyno-j | karamatomo? | | ‘Who will close the door?’ |
| | <i>wh</i> | <i>3-close-fut</i> | <i>door</i> | | |
| 27. | Morã | a-sokōĩ-j | ano? | | ‘Who is going to tie you up?’ |
| | <i>wh</i> | <i>2s-tie.up-fut</i> | <i>2s</i> | | |
- (adaptado de Storto 1999)

Os morfemas *i-* que aparecem no verbo nestes casos de movimento QU- de argumentos ergativos (sujeitos transitivos) não são participios, mas marcas de terceira pessoa, o que pode ser comprovado no exemplo (27), onde o objeto e a concordância são de segunda pessoa. No tempo não-futuro, o verbo não é marcado por morfologia de tempo, mas no futuro ele é.

Quando argumentos oblíquos são extraídos, a posposição oblíqua que acompanha o argumento é sufixada à palavra QU- *morã*. Assim como na extração de argumentos ergativos, o verbo aparece flexionado com concordância absoluta, não marcado para tempo não-futuro, e marcado para tempo futuro.

Oblique wh-movement:

- | | | | | | |
|-----|---------------|------------------|------------------------|--|--------------------------|
| 28. | Morã-ty | aj-andyj? | | | ‘Who did you laugh at?’ |
| | <i>Wh-obl</i> | <i>2p-smile</i> | | | |
| 29. | Morã-ty | aj-pytagng | ty-ja? | | ‘What are you stealing?’ |
| | <i>Wh-obl</i> | <i>2pl-steal</i> | <i>imperfv-sitting</i> | | |

30. Morã-song a-hyryw-i?
Wh-benef 2s-cry-fut

'Who will you cry for?'

31. Morã-kyn i-põr-i?
Wh-toward 3-fire-fut

'Who will he fire at?'

(adaptado de Storto 1999)

7. Concordância absolutiva em duas construções sintáticas em Karitiana

É possível explicar parcialmente os fatos sugerindo que o sufixo *-t/zero* é, tanto nas sentenças copulares como nas sentenças QU- de argumentos absolutivos, uma marca de *concordância absolutiva* no predicado da cópula que identifica o sujeito do predicado lexical como absolutivo. Sua opcionalidade em sentenças QU- imperfectivas deve-se à co-ocorrência com a cópula absolutiva *mon*, que já marca concordância absolutiva.

Esta concordância ocorre sempre que há movimento A-barrado de um argumento absolutivo. Concluimos que quando o sujeito se move para a posição pré-copular de foco, ele não é sujeito da cópula, mas move-se para aquela posição A-barrado apenas para adquirir foco. O caso absolutivo é algo que está marcado na concordância copular tanto nas sentenças QU- quanto nas sentenças copulares simples, já que ambas envolvem foco de um argumento absolutivo.

Não é possível dizer que o sujeito da mini-orção das sentenças de cópula vai tornar-se focalizado (mover-se para a posição pré-copular) por razões de caso, uma vez que a cópula não concorda com ele, mas com o seu complemento, que é a mini-orção nominalizada. O sintagma nominal pré-copular pode ser de primeira, segunda ou terceira pessoas, como visto em (1-8) na parte 5. Assim, o sintagma nominal pré-copular tem caso absolutivo porque ele é o sujeito da mini-orção, cujo núcleo predicador (N, A ou V intransitivo) admite apenas um argumento. Resta explicar como uma mini-orção atribui caso absolutivo a seu único argumento. Qualquer que seja a resposta a esta pergunta, ela também deve explicar como os argumentos em sentenças subordinadas recebem caso na ausência de tempo e concordância.

Uma análise alternativa para os dados seria considerar construções de cópula e clivagem de argumentos absolutivos como construções nas quais há concordância excepcional *zero-* na cópula. Como todas as construções que envolvem foco de um argumento absolutivo causam uma mudança nos padrões de concordância na língua,

poderíamos considerar, nos moldes de Storto 2005, que o Karitiana é uma língua em que há cisão de Caso: em construções de foco do argumento S ou O a língua seria nominativo-acusativa, e nos outros ambientes ela seria ergativo-absolutiva.

Referências

- Everett, Caleb. 2006. *Gestural, Perceptual and Conceptual Patterns in Karitiana*. Tese de doutorado. Rice University.
- Landin, David. 1984. An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences. In *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Ed. R. Dooley. Brasília: SIL.
- Storto, Luciana. 1999. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Tese de doutorado. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.
- Storto, Luciana. 2002. Algumas categorias funcionais em Karitiana. In *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional de Grupos de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I.
- Storto, Luciana. 2005. Caso e concordância em línguas Tupi. In *Estudos Lingüísticos*. CD-Rom. Campinas: UNICAMP.